



DINÂMICA DAS PAISAGENS DE RIOS URBANOS

Vera Mayrinck Melo¹

A presença dos rios no tecido urbano de muitas cidades tem uma grande importância, tanto sob o ponto de vista ambiental e ecológico, como elemento marcante nas paisagens dessas cidades. No entanto, apesar do contexto apresentado, as paisagens dos rios urbanos nas cidades brasileiras, em geral, se apresentam degradadas, como resultado de rios poluídos, tendo seus leitos adulterados pelas retificações, servindo como depósito de lixo e esgoto, e com as populações residentes às suas margens voltando-lhes as costas. Isso foi ocorrendo, através do processo de urbanização das cidades, como resultado da ação do homem sobre esses elementos naturais.

Assim, as paisagens urbanas evidenciam as inter-relações entre as populações e o meio ambiente nas cidades. Elas são, portanto, paisagens culturais, pois são apropriadas e transformadas pela ação do homem e possuem diferentes significados para aqueles que “*a fizeram, a alteraram, a mantiveram, (e) a visitaram(...)*” (COSGROVE:1998:109). Nesse contexto, para se entender a dinâmica das transformações das paisagens urbanas, é importante interpretar os diversos significados que têm essas paisagens para os grupos culturais que as vivenciam, reconhecendo que existem conflitos resultantes nas maneiras de ver as paisagens, pois esses grupos se baseiam em crenças, valores e interesses diferenciados.

A proposta deste texto é focar a dinâmica das transformações das paisagens de rios urbanos, de forma a contribuir para uma melhor compreensão da relação cultural estabelecida entre os habitantes das cidades e esses elementos naturais. Entretanto, como toda paisagem é um bem único e cultural, é necessário ser analisada levando-se em consideração seu contexto histórico e cultural. Nesse sentido, enfocaremos um recorte espacial da paisagem do rio Capibaribe, situado na cidade do Recife, com o objetivo de interpretar o processo de confecção e transformação dessas paisagens, assim como os seus significados para alguns grupos culturais.

O entendimento desse processo é importante, para a reflexão do planejador urbano e ambiental, que na sua práxis profissional, ao intervir, através das intervenções urbanas e

¹ Universidade Federal de Pernambuco: veramelo@hotmail.com.br

ambientais nos espaços da cidade, modificando às suas paisagens, levam em consideração, sobretudo, os aspectos técnicos e físico-espaciais dessas áreas, sem considerar o significado que elas têm para aqueles que as vivenciam, gerando conflitos.

Considerando o que foi colocado, ao abordarmos o tema proposto, iniciaremos relatando, de forma breve, sobre a influência dos rios na formação de algumas cidades às suas margens e as contribuições dos estudos sobre a dinâmica das paisagens de alguns rios urbanos no Brasil, que se embasaram nos estudos da percepção ambiental, na década de 1980, e a partir de 2000, nos estudos que se baseiam na experiência da população que habita as margens de rios urbanos, para compreender como os significados do mundo natural são socialmente construídos.

Em seguida, visando interpretar a dinâmica das paisagens do rio Capibaribe, será relatado, de forma breve, o processo de formação dos atuais bairros Poço da Panela, Monteiro e Apipucos, localizados na margem esquerda do rio, e dos bairros de Iputinga e Cordeiro, situados na margem direita, por esses se constituírem no recorte espacial estudado. Foi importante, também, nesse processo a influência da morfologia do rio na confecção das paisagens desses bairros, assim como as intervenções urbanas e ambientais e as leis de uso e ocupação do solo, implementadas entre o final da década de 1970 e o início do século XXI, nesse recorte espacial. Finalmente, serão interpretados através do resultado de entrevistas realizadas com diferentes grupos culturais, os significados que têm as paisagens desse rio, para os grupos que habitam às margens desse recorte, e aqueles que estão envolvidos na confecção dessas paisagens, como os representantes de órgãos públicos, que foram ou são responsáveis pelos projetos de intervenção urbano-ambiental na área estudada, representantes do setor imobiliário, que têm investido no setor na construção civil, na área mencionada, especialistas no campo do planejamento urbano e do meio ambiente, sobretudo, aqueles que participaram de propostas para a área em estudo, ou que a analisaram de uma forma crítica, e os ambientalistas, que têm uma maior atuação na defesa e no resgate do meio ambiente na cidade de Recife, assim como, os representantes de ONGs ambientalistas.

DINÂMICA DAS PAISAGENS DE RIOS URBANOS

Os rios nas paisagens sempre foram elementos naturais fundamentais desde o início da história da civilização, a maioria das cidades se originou às suas margens. Isso porque os rios tinham sobretudo uma finalidade utilitária, como mostra BENÉVOLO (1983), em cidades da Mesopotâmia, localizada na bacia aluvional dos rios Tigre e Eufrates, e do Egito, banhado pelo rio Nilo. As águas dos rios e canais delimitavam as cidades e serviam

para o abastecimento d'água e para o transporte de produtos e matérias-primas. Também muitas cidades européias da Idade Média se desenvolveram sobre antigos traçados urbanos recortados pelos rios, como Londres, junto ao Tâmis, e Paris, junto ao Sena (MARCONDES:1999:59).

Com o advento do Renascimento e das filosofias homocêntricas, o indivíduo subverteu a ordem de sua submissão ao mundo natural, assimilando uma postura de hegemonia na ordem da criação. Esse momento representou um marco na forma de o homem se relacionar com a natureza. Assim, uma nova forma de olhar a paisagem foi engendrada, com a ampliação do respeito e da admiração pela natureza, por um lado, e, por outro com a sua subordinação, através da exploração dos seus recursos (MANN:1973:23).

Como resultado dessa concepção, as cidades começaram a incorporar os elementos naturais, entre eles, os rios, a partir da maneira de ver de uma classe dominante, segundo a qual a ordem humana imposta ao mundo natural “*desordenado*” era a simetria e a regularidade, caracterizando uma forma humana de indicar a separação entre cultura e natureza (MARCONDES:1999:40).

Inserida nesse mesmo contexto, com a invenção da perspectiva, segundo ARGAN (1992:23), houve “*a organização perspética*”, que baseou a criação dos percursos retilíneos de visuais livres e de distâncias mensuráveis nas configurações urbanas, resultando na redução dos vários percursos existentes nas cidades e na eliminação da casualidade e da surpresa, criando uma homogeneização nessas configurações. Foi dentro dessa concepção que, de acordo com MANN (1973:14), as cidades européias renascentistas quebraram o estrangulamento que existia nas margens de rios nas cidades medievais e criaram os *boulevards*, como o de Paris, em cuja paisagem a marca preponderante é o rio Sena: seu percurso em linha reta foi planejado intencionalmente visando a possibilitar uma ampla visualização da cidade, de forma a destacar as qualidades estéticas da paisagem.

A presença dos rios nas cidades pode propiciar uma situação privilegiada aos seus habitantes, tanto no usufruto dos recursos hídricos, que são ecologicamente um habitat rico, com grande variedade de características biológicas e geomorfológicas (ROWSELL & BURGESS:1997:5), como com relação às suas margens que, servem de interface entre terra, água, ar e sol, possibilitando ser encontradas algumas das mais produtivas associações de espécies vegetais, além de que as vegetações ciliares existentes são o principal habitat das espécies aquáticas, de pássaros e outros pequenos animais. Também as paisagens dos rios, podem ter efeitos relaxantes e estimulantes, através do fluxo das

suas águas e da vegetação das suas margens, assim como podem ser um lócus para atividades humanas.

No entanto, apesar do contexto apresentado, os rios foram sendo paulatinamente deteriorados, através do processo de urbanização das cidades, como resultado das relações estabelecidas entre o homem e esse elemento natural, em vários momentos históricos. Todo esse processo é resultante da visão do homem como agente transformador da natureza, estabelecendo com ela uma relação de domínio. Segundo SANTOS (1992:96-97), a *“história do homem sobre a Terra é a história de uma ruptura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta, armando-se de novos instrumentos para tentar dominá-lo”*.

Para enfrentar a situação crítica gerada pelos altos níveis de contaminação dos mananciais, pela escassez de água no abastecimento das cidades e pelas cheias periódicas, que representavam uma ameaça à saúde e à segurança dos habitantes das cidades, começaram a ser feitas, na primeira metade do século XX, intervenções de caráter técnico, criando-se nas paisagens dos rios, feições altamente artificializadas. Essas intervenções foram feitas baseando-se nos pressupostos modernistas que, como ressalta MARCONDES (1999:22), tinham como base a idéia de uma *“natureza racionalizada e artificializada”*.

As intervenções engendradas por obras de engenharia alterando as paisagens visíveis dos recursos hídricos, assim como as formas de vida dos indivíduos e das comunidades diretamente afetadas suscitaram conflitos e debates, tanto nos Estados Unidos, como na Inglaterra. A reivindicação desses habitantes, que pertenciam a diferentes grupos culturais, com tipos de interesses distintos, era a participação ativa nas decisões relacionadas às intervenções, porque essas eram planejadas sem a participação dos mesmos. Os planejadores, ao proporem intervir nas paisagens, segundo a sua visão de mundo, tinham como justificativa salvaguardarem o *“interesse público”*. No entanto, GOLD & BURGESS (1992:1-5), questionam a *“natureza desse interesse público”*, porque as intervenções ambientais ou urbanas que ocorrem segundo a maneira de ver a paisagem dos grupos culturais dominantes podem até coincidir com as dos outros grupos culturais, mas em geral elas são conflitantes. Assim, os pesquisadores propõem encontrar caminhos que permitam chegar aos significados das paisagens, levando em consideração tanto os interesses dos grupos culturais como um todo, como a necessidade de resolver as questões ambientais.

Visando a trilhar o caminho proposto, ROWSELL & BURGESS organizaram uma coletânea no periódico “*Landscape Research*”, publicada em 1997, que representa uma contribuição aos estudos de paisagens de rios. Nesse periódico, estão reunidas algumas abordagens, numa perspectiva interdisciplinar, com a participação de geógrafos, cientistas ambientais, cientistas sociais, arquitetos paisagistas e engenheiros.

Em um dos artigos de autoria dos organizadores, eles reconhecem que, até a década de 70, do século XX, nas pesquisas envolvendo as questões ambientais, tanto nos Estados Unidos como na Inglaterra, não eram consideradas as abordagens tendo como referência a percepção ambiental. No entanto, alguns pesquisadores trabalharam de forma interdisciplinar, visando a mudar a abordagem das ciências sociais, com relação aos problemas do meio ambiente. Para ROWSELL & BURGESS (1997:6), um dos ganhos mais importantes nessa corrente de pensamento foi o reconhecimento de que os indivíduos entendem a natureza e a paisagem de formas diversas e distintas. Nas abordagens mais recentes, ganhou importância o entendimento de como os significados do mundo natural são socialmente construídos, sendo fundamental a análise desse processo para uma melhor compreensão da dinâmica das paisagens de rios.

Alguns artigos desse periódico, fruto da interdisciplinaridade, são enfocados em diferentes perspectivas, ao tratarem de questões referentes à paisagem de rios e ao seu gerenciamento, visando a contribuir para o re(pensar) das intervenções da engenharia, que tem como prática a artificialização desses recursos naturais e das formas de participação das populações afetadas por esse tipo de intervenção.

A partir da década de 80, do século XX, no Brasil, as pesquisas tendo como abordagem a percepção ambiental assumiram papel de destaque nos estudos que envolvem análise e projetos ambientais (CASTELLO:1996:24).² Nesse contexto, se insere a pesquisa empreendida por CASTELLO (1996), que se baseou nos estudos sobre a percepção ambiental do rio Guaíba, localizado na cidade de Porto Alegre, no âmbito do programa MAB,³ que visava a estudar as relações entre populações e o meio ambiente em cidades de todo o mundo.

² - Podemos constatar esse fato através de publicações como as de DEL RIO & OLIVEIRA (1996).

³ - O Programa Internacional Homem e Biosfera - MAB envolve um conjunto de cidades, em 40 países, entre elas a cidade de Porto Alegre, com o objetivo de desenvolver projetos de pesquisa na área ambiental. Uma das concentrações temáticas desse programa, o MAB 13, que trata da percepção da qualidade ambiental e serviu de base à pesquisa desenvolvida por CASTELLO, parte do pressuposto de que o homem tem um papel preponderante na biosfera, com uma responsabilidade direta na sua evolução. Conseqüentemente, tem-se de considerar os aspectos não quantificáveis da mente humana, tais como: a percepção do seu entorno e a maneira como ele concebe a qualidade de vida, para se entenderem as decisões que ele toma em relação à transformação do ambiente (CASTELLO : 1996: 23-24).

Assim, a partir da implementação pelo poder público de um projeto de saneamento visando à regeneração bioquímica do rio Guaíba, que apresentava problemas ambientais graves, e da constatação das relações rompidas entre a cidade e o rio, teve início a pesquisa MAB - Porto Alegre, visando a analisar as possibilidades de o projeto de saneamento abarcar os problemas ambientais como um todo, ultrapassando o intuito meramente hidrosanitário do projeto, e, assim, ao contemplar as possibilidades ecológicas contidas no bojo desse projeto, tentar integrar a reabilitação física do rio ao que foi chamado de “*regeneração cultural do assentamento humano*”.

Segundo CASTELLO (1996:27), o rompimento das relações entre a cidade e o rio na área urbana ocorreu, por conta da poluição hídrica, pelo isolamento do rio da paisagem central da cidade, resultante da construção de alguns elementos que interceptavam a integração dessa paisagem, como um muro de proteção que existia ao longo do cais do porto, para evitar eventuais inundações, pela linha férrea eletrificada do metrô de superfície, e pela falta de visualização da água, pois a cidade voltava suas costas para o rio.

Considerando esses aspectos, CASTELLO (1996:28) pautou a sua abordagem na percepção ambiental, para detectar a evolução e a diversidade das relações estabelecidas entre a população do centro de Porto Alegre com o rio Guaíba, a sua importância na formação das imagens da cidade e as expectativas da população com relação à recuperação da sua acessibilidade. Essa pesquisa através da aplicabilidade dos seus resultados, objetivava nortear projetos e intervenções ambientais no rio Guaíba. Segundo CASTELLO (1996:37), têm sido cada vez mais frequentes as ações concretas do poder público, visando ao restabelecimento de relações entre a área central e o rio.

O exemplo acima citado, se baseia mais nos aspectos subjetivos da relação homem-meio, ao investigar os valores culturais e ambientais da paisagem, e, apesar de representar uma contribuição, no sentido de ressaltar a importância da consulta pública no direcionamento dos projetos e intervenções ambientais, não consideraram os diferentes interesses dos grupos envolvidos, nem os conflitos que poderiam ocorrer como resultado das diferentes maneiras de ver a paisagem.

Outras linhas de abordagem que analisam as relações entre populações e meio ambiente, relacionadas à dinâmica das paisagens de rios urbanos, surgem a partir do ano 2000, como a pesquisa desenvolvida por COSTA & MONTEIRO (2002), que considera tanto o componente subjetivo da paisagem, como a base objetiva, tendo como pressuposto

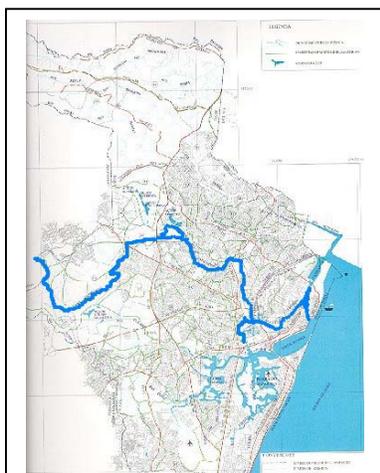
o entendimento de que as paisagens não são neutras, mas refletem as relações de poder entre os diferentes grupos culturais.

Nesse contexto, este estudo enfoca os valores e significados que tem o rio Cachoeira, na cidade do Rio de Janeiro, para os habitantes de um determinado recorte espacial, o bairro de Itanhangá, e faz parte do desenvolvimento de uma pesquisa mais ampla, que tem como alvo a análise das inter-relações que se estabelecem entre os sistemas cultural e da natureza, visando a entender a inserção paisagística das águas urbanas nas cidades.

Nesse sentido, o estudo fundamenta-se em uma estrutura teórico-metodológica multidisciplinar, adotando duas abordagens que se completam. Uma compreende a paisagem como construção cultural e ideológica, utilizando como base a análise dos significados da paisagem a partir das experiências da população, entendendo que a maneira de ver a paisagem não é homogênea, tendo significados distintos para os grupos sociais. Sendo assim, podem existir conflitos resultantes das diferentes visões e expectativas desses grupos. Essa perspectiva de abordagem considera que as paisagens são produtos culturais em constante transformação e interpretação por parte daqueles que as alteram, as mantêm e as usufruem.

A outra abordagem centra-se no entendimento de como os processos naturais rebatem na forma urbana. E, visando à melhoria da qualidade do ambiente urbano, ressalta a importância da conexão entre os valores ambientais, estéticos, culturais e econômicos, norteando as propostas de intervenção nas cidades.

Um outro exemplo de estudos de dinâmica de paisagens de rios urbanos, nessa perspectiva de abordagem, foi desenvolvido por MAYRINCK(2003), tendo como tema principal a paisagem do rio Capibaribe, situado na cidade do Recife, tendo como recorte espacial uma determinada porção dessa paisagem, e abrange o período entre o final da década de 70 do século XX e o início do século XXI.



DINÂMICA DAS PAISAGENS DO RIO CAPIBARIBE

O rio Capibaribe, que significa “*rio das capivaras*”, é o principal curso d’água da bacia hidrográfica do Capibaribe,

que possui 7.400 km² de extensão, sendo o sistema hidrográfico mais expressivo no município do Recife. Essa unidade hidrográfica possui 59,1km² de sua área inseridos na cidade do Recife. Esse rio tem suas nascentes nas lagoas do Araçá, das Estacas e do Angu, na serra do Jacarará. Ao descer a serra, no seu trajeto de 253km do Agreste à foz, no litoral, ele encontra montanhas, vales, canaviais e pastagens ao percorrer 44 municípios.

A importância do rio Capibaribe para a cidade do Recife decorre de vários fatores. Um desses fatores é como elemento marcante na fisiografia dessa cidade, pois o sítio onde está localizado a cidade, abrange o mar e a área de planície entrecortada por um grande número de rios e riachos, conferindo a mesma um caráter fortemente aquoso. Entre os elementos fisiográficos aquosos, constituídos pelos rios, o mais evidente e importante na planície do Recife, é o rio Capibaribe.

A sua importância ocorre também por sua contribuição ao processo de formação e estruturação da cidade do Recife. Isso porque a fundação da cidade deu-se a partir do porto cujo desenvolvimento como atividade econômica, durante o século XVII, só foi possível em virtude da produção de açúcar pelos engenhos estabelecidos nas *“várzeas do baixo Capibaribe e do baixo Beberibe, (...), possuidora de excelentes solos de cana e situada à pequena distância do nóculo da colonização”* (MELO:1978:49). Esse contexto, resultou no tipo de economia e sociedade existente naquele período. Assim, o rio Capibaribe contribuiu como suporte para as atividades econômicas e também utilitárias, pois era utilizado para o escoamento do açúcar, para o transporte dos moradores dos engenhos e dos núcleos de povoação, assim como servia de fonte de abastecimento d'água. Devido a esses tipos de uso estabeleceu-se uma relação entre os moradores das suas margens e o rio.

O rio Capibaribe também contribuiu no processo de expansão da cidade, pois a sua morfologia direcionou o processo de ocupação da mesma, desde o século XVII, como resultado do povoamento e da expansão da cidade que foram feitos acompanhando os meandros do rio, do núcleo inicial em direção a ilha de Antônio Vaz, como também no sentido contrário, do interior, onde estavam localizados os engenhos de açúcar, nas *“várzeas do Capibaribe”*, em direção ao porto.

A cidade do Recife, por ter sido construída sobre ilhas e terras ladeadas por áreas alagadiças, teve o traçado urbano da cidade condicionado por seu sítio fluvial e deltaico, resultando na cidade atual. Segundo declarações do arquiteto historiador José Luís da Mota

Menezes, na entrevista feita⁴, “*O rio Capibaribe desenha a cidade do Recife, o que sobrou do rio é que é a cidade, que muitas vezes roubou do rio solo firme*”.

Nessa direção, foi sucedendo a confecção das diversas paisagens, que, entre os séculos XVII e XIX, foram sendo construídas, através do trajeto desse rio pelos antigos engenhos, povoados, subúrbios e atuais bairros banhados por ele, como resultado da relação estabelecida pelos grupos culturais com esse elemento hídrico durante esse período.

Um outro aspecto da importância do rio Capibaribe é o fato dele ser um elemento marcante na formação da paisagem da cidade do Recife, porque cerca de 21 bairros da cidade são banhados por esse rio, estando presente, sobretudo, no centro da cidade, onde estão localizadas as principais pontes e os edifícios históricos às suas margens. Segundo CASTRO (1992:257), “*Este ar e este solo onde assenta a cidade do Recife, e donde a cidade tira a vida de toda a sua fisionomia, são efeitos exclusivos dos rios que a banham. Do Capibaribe e do Beberibe. Por toda a cidade eles correm em zigue-zague, passando ali, acolá, debaixo duma ponte, dando um ar de doçura à cidade. Cidade de paisagem doce, em pleno nordeste ardusto (...)*”.

O rio Capibaribe também é um elemento importante como ecossistema para o equilíbrio físico –natural da cidade, pois contribui na amenização do clima, porque através dele penetram os ventos alísios e, pela existência da fauna e da flora, apesar da degradação apresentada. De acordo com o depoimento de técnicos e de pesquisadores do meio ambiente, foram catalogados 32 espécies diferentes de pássaros, assim como outros animais.

No entanto, apesar da importância do rio Capibaribe para a cidade do Recife, esse elemento hídrico vem passando por um processo de degradação crescente. Um fator que contribuiu com esse processo foi a implantação de indústrias, principalmente as usinas que desde o final do século XIX, começaram a poluir os rios, que perderam, assim, as funções que tinham com o engenho, onde a água era utilizada, segundo ANDRADE (1989:84), “*(...) como fonte de energia, (e) como força motriz*”. Como o rio Capibaribe banha 44 municípios, parte da carga poluidora, até a década de 1990, era lançada ao rio. Atualmente, esse processo está mais controlado através da Companhia Pernambucana de Recursos Hídricos – CPRH.

Outro fator que contribuiu com o processo de degradação do rio Capibaribe foi a intensificação da ocupação às suas margens, que teve início no final do século XIX, em

decorrência da abolição da escravatura, havendo uma migração no sentido campo-cidade, e no século XX, como resultado da modificação do sistema produtivo açucareiro, com a implantação das usinas liberando mão-de-obra, tendo-se intensificado a migração rural. A população migrante, sem condições de acesso à terra, foi-se instalando nas áreas de mangues e alagados, que eram terras menos valorizadas, e ali construía seus mocambos, utilizando a pesca no rio como meio de subsistência (CASTRO:s/d:153). Contribuiu para o adensamento, na margem esquerda, a ocupação de famílias de renda média e alta, residindo nos loteamentos que substituíram os engenhos, os sítios e as chácaras. Nesse contexto, os esgotos domésticos passaram a ser lançados no rio, sendo atualmente a maior causa da poluição, pois a cidade do Recife tem apenas 30% de esgotamento sanitário.

O quadro de degradação que apresenta o rio Capibaribe tem sido alvo de denúncias na imprensa periódica e em outras publicações literárias, desde 1847 (CHACON:1959:100). No entanto, apesar desse contexto, o rio Capibaribe e suas pontes, foi escolhido pela população recifense como o símbolo mais representativo da cidade, em pesquisa realizada em 1997. Isso ocorre, porque esse elemento hídrico é tão importante para a cidade do Recife, que para CHACON (op.cit.:100), a *“História do Capibaribe é a História do Recife”*. É nesse contexto que este autor questiona: *“Por que, então, as autoridades o desprezam tanto com a sua negligência? Deixam-no sujo, coberto de lama, assoreado”*. Entretanto cabe acrescentar. Será que só as autoridades o desprezam ou a própria população, na sua relação contraditória com o rio? Qual tem sido o significado desse rio para a população do Recife? Essa população não tem desenvolvido uma relação de integração com o rio e a água no seu cotidiano. Será que existem possibilidades de mudança nessa relação? Ou o rio Capibaribe continuará sendo representado por sua presença nem sempre poética na cidade e como símbolo da cidade do Recife, juntamente com suas pontes, mas sem serem aproveitadas todas as potencialidades que ele oferece?

DINÂMICA DAS PAISAGENS NO RECORTE ESPACIAL ESTUDADO



Os bairros do Poço da Panela, Monteiro e Apipucos, situados na margem esquerda do rio Capibaribe, e os bairros de Iputinga e Cordeiro, localizados na margem direita, que se constituem no recorte espacial estudado (mapa 3), tiveram uma grande importância no processo de formação

socioeconômica, histórica e cultural da cidade do Recife, pois foi nesse recorte, localizado na “*Várzea do Capibaribe*”, que durante o século XVII, por oferecer a fertilidade proporcionada pelos solos de aluvião, se implantaram alguns dos primeiros engenhos, que eram a base econômica da sociedade existente naquela época.

Esses bairros que receberam denominações originadas dos antigos engenhos, e no século XX se transformaram em subúrbios e nos atuais bairros, ao longo dos séculos XVII e XX, tiveram suas paisagens confeccionadas de forma diferenciada. Nesse processo, tanto o uso e a ocupação do solo, ocorridos às margens do rio Capibaribe nesses engenhos e, posteriormente, nos núcleos de povoações e bairros, resultado das ações dos habitantes como expressão cultural, direcionaram a construção das diversas paisagens, como também a morfologia do rio e as intervenções urbanas e ambientais influenciaram nesse processo.

Na margem direita do rio Capibaribe, a dificuldade de vias de acesso e meios de transporte comunicando-a ao centro e ao interior, foi um dos fatores que contribuiu para retardar o processo de desenvolvimento das povoações localizadas nessas margens. O acesso era feito através da travessia de barco da margem esquerda que possuía estradas. Somente na segunda metade do século XIX, com a continuação da construção da via Caxangá e de ferrovias, ligando o Recife às cidades do interior, é que houve uma mudança de uso e ocupação do solo nessa margem, pois a terra dos antigos engenhos, passaram a ser retalhadas em sítios e chácaras e arrendadas aos “*foreiros*”, constituídos por famílias que, em sua maioria, vinham do interior, em busca de uma melhor qualidade de vida. Nesses sítios eram cultivados hortaliças, fruteiras e criavam-se vacas, comercializando-se esses produtos para o abastecimento da cidade.



Figura 1: Parte de Passagem da Madalena. Litogravura de Luis Schlappriz, meados do século XIX.

Fonte: Fundação Joaquim Nabuco. Setor de Iconografia.

No entanto, a margem esquerda, no século XIX, era ocupada em sua maioria, por famílias de renda média e alta, que durante o período de verão iam para os sítios e chácaras, cujas casas eram construídas com a frente para o rio, possuindo um cais de atracamento (figura 1), para usufruir das águas do rio Capibaribe como lazer ativo,

contemplativo e para banhos medicinais. No final do século XIX, devido a poluição, o rio foi deixando de ser utilizado, modificando as relações entre os grupos culturais e o mesmo, pois, até então, mesmo que não houvesse respeito por esse recurso hídrico, os grupos não o poluíam na mesma intensidade com que passaram a fazê-lo. Esse fator, juntamente com a abertura das estradas e a modernização dos meios de transporte no início do século XX, contribuiu para que as casas passassem a dar os fundos para o rio, iniciando-se uma ruptura progressiva entre o rio Capibaribe e as suas margens, no recorte espacial estudado.

No final do século XX, em uma grande parte de bairros banhados pelo rio Capibaribe na margem direita, começou também a ser construídos edifícios com muros altos separando-os do rio, interceptando uma paisagem que se integrava (foto 1), apesar de no centro da cidade o rio continuar a ser um elemento marcante na paisagem, representado nos cartões

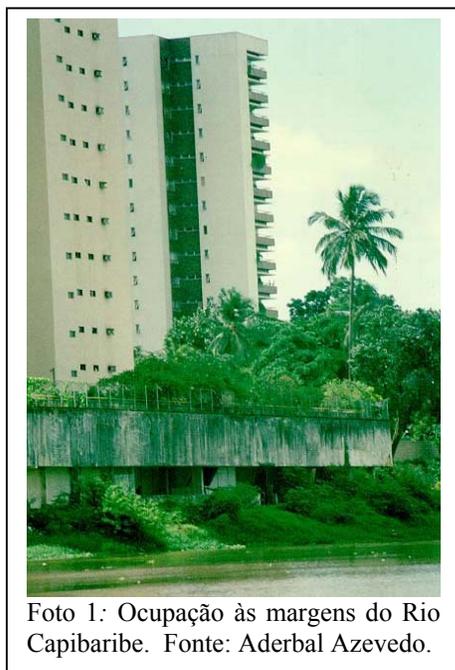


Foto 1: Ocupação às margens do Rio Capibaribe. Fonte: Aderbal Azevedo.

postais, possuindo vias localizadas às suas margens, assim como belos edifícios históricos (figura 2).

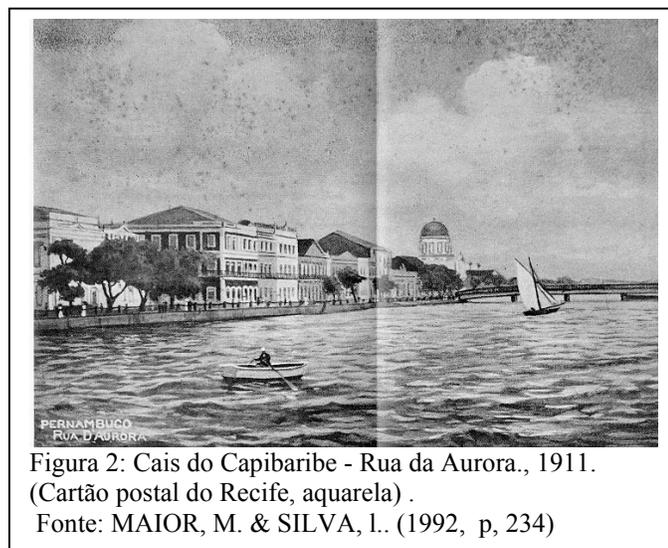


Figura 2: Cais do Capibaribe - Rua da Aurora., 1911. (Cartão postal do Recife, aquarela) .
Fonte: MAIOR, M. & SILVA, I.. (1992, p, 234)

Nesse contexto, as paisagens da margem direita do rio Capibaribe foram sendo confeccionadas de forma diferente daquelas da margem esquerda, pois os grupos culturais ali instalados tinham formação e interesses distintos. Enquanto que as paisagens da margem esquerda tinham um perfil mais urbano, na margem direita as paisagens tinham um caráter mais rural, moldadas segundo uma maneira de ver daqueles grupos que tinham outra expressão cultural.

A partir do século XX, intensificam-se as mudanças na ocupação nas margens do rio, devido a migração no sentido campo-cidade. A população migrante foi ocupando aos poucos as áreas alagáveis de mangues e de várzeas do “*baixo curso do Capibaribe*”(MELO:1978:29). Na margem direita do rio, as paisagens passaram a ser mais

homogêneas, constituídas por áreas verdes ainda não ocupadas e por favelas, confeccionadas segundo a maneira de ver da “gente” que veio do interior, moldando paisagens “*de homens plantados na lama; de casas de lama*”, segundo as palavras do poeta João Cabral de Melo Neto, no poema, “*Paisagem do Capibaribe*”. Quanto a margem esquerda, passou a ser ocupada por mocambos e palacetes, e atualmente por edifícios onde reside uma população mais abastada, caracterizando uma paisagem contrastante (foto 2).



Foto 2 : Contrastes nos tipos de edificações que ocupam as margens do Rio Capibaribe (Monteiro). Fonte: Aderbal Azevedo.

Para CASTRO (1992:258) “*O Recife, cidade dos rios, das pontes e das antigas residências palacianas, é também a cidade dos mocambos – das choças, casebres de barro batido a sopapo, com telhados de capim, de palha, de folhas de flandres (...)*”.

Assim, o rio Capibaribe passou a separar fisicamente paisagens tão contrastantes. O lado esquerdo da sua margem, foi representado pelo poeta João Cabral de Melo Neto, no poema, “*O Rio*”, no trajeto do rio Capibaribe, de sua nascente a sua foz, na cidade do Recife, como bairros “*onde há poças do tempo estagnadas*”,

e que no presente, guardam a nostalgia, dos nomes que herdaram dos antigos engenhos, e das marcas das paisagens históricas que foram sendo construídas desde o século XVII. Enquanto a margem direita reflete na sua paisagem as marcas “*de homens plantados na lama; de casas de lama*”.

O percurso por esse recorte da paisagem do rio Capibaribe, proporcionou descobrimentos e revelações, de uma face do rio desconhecida para muitos habitantes da cidade por ser pouco visível e acessível.

INTERVENÇÕES URBANAS E AMBIENTAIS E REGULAÇÃO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

Entre o século XVII e a década de 70 do século XX, o uso e ocupação do solo no recorte espacial estudado, resultou da ação dos “*urbanistas privados*”. A partir do final da década de 70, do século XX, as paisagens nesse recorte, passaram a ser confeccionadas de forma racional e técnica, segundo a maneira de ver do planejador urbano, baseada nas regulações de uso e ocupação do solo e nas regulações urbanas e ambientais planejadas.

Os planejadores, ao proporem intervir nas paisagens, segundo a sua visão de mundo, visando a salvaguardar o “*interesse público*”, criam possibilidades de confeccioná-las, dominando a natureza e desnaturalizando-a, a partir de técnicas racionais no gerenciamento das mesmas, de acordo com as maneiras de ver as paisagens dos grupos dominantes onde estão inseridos.

As intervenções nessas paisagens terminam ocorrendo, segundo representações concebidas pelos planejadores, não se levando em consideração a realidade vivida no cotidiano, ou seja, o significado que têm essas paisagens para os moradores, gerando assim, conflitos, pois essas paisagens não são vistas por esses grupos sob uma única perspectiva.

Na margem direita a intervenção urbana implantada pelo poder público através do Projeto Recife/ Ocupação das Áreas Vazias, a partir de 1983, adotou como estratégia fazer um financiamento cruzado, ou seja, com os recursos obtidos através da venda de terrenos localizados à margem esquerda, que tinham maior valor de mercado, seriam financiados a aquisição e a urbanização dos terrenos da margem direita, destinados à população de baixa renda, assim como a construção de habitações e a implantação de parques. No entanto, para tornar essa proposta exequível, seria necessário remover algumas favelas existentes na margem direita para a margem esquerda, tornando disponíveis os terrenos para os investimentos imobiliários nessa margem, desencadeando conflitos. Mesmo assim, foi sedimentado o processo de segregação existente, pois, segundo esse programa, haveria a “*(...)manutenção do quadro atual quanto aos padrões de renda e habitação, isto é:renda alta e média na margem esquerda e rendas média- baixa e baixa na margem direita*” .⁵

Esse projeto ao propor revitalizar as margens do rio Capibaribe, sem considerar a questão da qualidade da sua água, provocou o protesto dos ambientalistas, que desde 1980 vinham, em conjunto com a sociedade civil, denunciando a poluição hídrica. No entanto, esses protestos que fizeram parte da retórica à natureza, nos marcos de um paradigma ambientalista que fez parte desse período, não foram levados adiante e o rio permanece cada vez mais degradado.

Com relação a margem esquerda, foram travados debates entre os representantes da Prefeitura, do setor imobiliário, e do conjunto urbano de Casa Forte, em 2000, envolvendo a lei de uso e ocupação do solo, nº 16.176/96. Como esta lei tinha índices que possibilitava a verticalização dos imóveis, favorecendo o setor da construção civil e contribuindo para a descaracterização da paisagem nesse conjunto, os representantes desse conjunto urbano,

lutaram pela permanência das características urbanas e ambientais dos bairros desse conjunto. Nessa luta envolvendo interesses divergentes, esse grupo cultural saiu vencedor, pois a lei aprovada foi a que mais se adequava a sua maneira de ver, passando as margens do rio a ser preservadas contra a construção de grandes arranha-céus, que vinham ocorrendo no bairro do Monteiro. Mas não se sabe até quando, diante dessa correlação de forças, as margens do rio Capibaribe, nesses bairros, se manterão com a diversidade de paisagens que lhe são peculiares.

Como a cultura e as paisagens não são realidades globais, pois são histórica e geograficamente específicas, assim como estão em constante evolução e são diversificadas, devem ser consideradas as suas particularidades, ao serem interpretadas as camadas de significados das paisagens desse rio, ao se propor intervir nas mesmas através dos projetos urbanísticos e ambientais.

SIGNIFICADOS DE UM RECORTE DA PAISAGEM DO RIO CAPIBARIBE

A interpretação dos significados da paisagem do rio Capibaribe para os grupos que habitam esse recorte espacial e aqueles que estão envolvidos na confecção das mesmas, baseou-se em dados qualitativos, tendo como procedimento a entrevista semi-estruturada. Nessa direção, os depoimentos orais, foram considerados como uma série de construções culturais, cada um representando uma visão particular de mundo. Isto porque, os significados dessas paisagens se diferenciam entre os grupos culturais, de acordo com o tipo de uso que esses grupos fazem do rio, e com a maneira de se relacionar com o mesmo, como também com o nível socioeconômico e a formação sociocultural dos diferentes grupos. Para COSGROVE (1998:104), as diferentes posições ocupadas pelos grupos culturais na sociedade resultam em consciências e experiências distintas, e a evidência dessas diferenças se expressa na paisagem.

Para se apreender os significados que o rio Capibaribe tem para os diferentes grupos culturais, foram destacados elementos enfatizados nas entrevistas para expressar as suas maneiras de ver. Assim, o significado mais ressaltado para os moradores ribeirinhos de classe de renda baixa foi o rio como fonte de sobrevivência, pois esse é, entre os grupos culturais, o único que tem alguns membros que dependem do rio para sobreviver, apesar de estar havendo uma redução cada vez maior no número de pescadores, devido à poluição existente. Outro grupo que também destacou esse significado foram os representantes dos órgãos públicos, no entanto, relacionando a fonte de sobrevivência como vida *“porque a água é alimento”*.

⁵ - Projeto Recife. Subprograma Ocupação Áreas Vazias, vol.3,p.32.

O segundo significado do rio Capibaribe mais mencionado por esses moradores foi o estético. Apesar de os habitantes inseridos nesse grupo morarem nas margens do rio, porque não têm outra alternativa, e de muitos se mostrarem insatisfeitos, pela precariedade das condições ambientais em que vivem, eles vêem a beleza do rio.

Os significados do rio, expressos apenas por esse grupo cultural foram o perigo e a natureza. O primeiro significado decorre da proximidade que o rio tem desse grupo, o qual vive no dia-a-dia a sua intimidade e, por isso, sente muitas vezes a ameaça das cheias e da violência dos corpos mortos boiando nas suas águas. O segundo significado mostra que alguns membros desse grupo cultural ainda conseguem perceber no rio elementos da natureza, principalmente, os representantes do Movimento Recapibaribe que, por desenvolverem um trabalho de qualificação das suas águas, estabeleceram com ele uma relação muito próxima. Mas o rio significa também para esse grupo tranquilidade e símbolo de vida, assim como para os moradores ribeirinhos de classe de renda alta que, apesar de estarem próximos, são só observadores dele. A água que flui no rio, mesmo sendo poluída, transmite paz, tranquilidade e está relacionado à vida e a fonte de alimentação para esses grupos culturais, o que demonstra como são contraditórios os significados do rio, baseados nas sensações de medo, de tranquilidade, de rejeição à poluição e de admiração.

O significado do rio Capibaribe mais ressaltado pelos moradores ribeirinhos de classe de renda alta, foi o estético, vinculado à contemplação. Para esse grupo, o valor contemplativo aferido tão fortemente ao rio está relacionado ao fato de não vivenciarem os problemas cotidianos do mesmo, pois moram de costas, ou o observam do alto, das casas, em Apipucos e dos edifícios no Monteiro e no Poço da Panela.

O significado do rio vinculado ao valor estético, foi um dos mais mencionados pelos grupos culturais, como os especialistas em planejamento urbano e os representantes dos órgãos públicos. Esse significado, para o primeiro grupo de observadores, formado por aqueles que o analisam, foi o mesmo dos moradores ribeirinhos. No entanto, para o segundo grupo, ele teve uma conotação diferente, pois alguns daqueles que têm como prática intervir na paisagem, vincularam o significado do rio à formação das paisagens do Recife, como podemos constatar através desses depoimentos: *“Significa um elemento que definiu e estruturou uma paisagem, pois, mesmo fluindo continuamente, congelou no tempo registros de uma ocupação(...), quando era utilizado como eixo de penetração. (...) significativo para a história de construção da cidade”*.

O significado mais exposto pelos grupos culturais foi o rio como símbolo de vida, expresso de várias formas. Assim, os moradores ribeirinhos se referiram a esse significado relacionando-o a um ser vivo e fonte de alimentação, enquanto que, para os outros grupos culturais, o símbolo de vida teve uma relação com os aspectos ecológicos e ambientais. Nesse sentido, os especialistas em planejamento urbano e ambiental ressaltaram os aspectos ambiental e ecológico, e aqueles que vincularam o significado do rio à vida, através das suas potencialidades ecológicas, foram de representantes do setor público e os ambientalistas. Esse último grupo foi o que mais mencionou esse significado do rio, demonstrando a influência de sua prática profissional.

O significado do rio Capibaribe como símbolo da cidade do Recife foi manifestado pelos representantes de classe de renda alta e pela maioria dos outros grupos culturais. Para os representantes do setor imobiliário, o rio Capibaribe significa o marco principal, o monumento e a identidade do Recife. Será que o valor simbólico não agrega valor aos imóveis que estão inseridos nas margens do rio, principalmente, aos altos edifícios, de onde se contempla a sua paisagem? Os especialistas em planejamento urbano e ambiental e os ambientalistas se reportaram ao rio como referência e o elemento mais importante dessa cidade. Conforme foi expresso por uma parte dos moradores ribeirinhos e pelos outros grupos culturais assim como para a maioria da população recifense que o escolheu através de uma pesquisa, o rio Capibaribe é o símbolo mais significativo da cidade do Recife.

O único grupo cultural cujos membros relacionaram o significado do rio Capibaribe à poluição foram os ambientalistas. Esse fato decorre da atividade profissional desse grupo, relacionada com a questão ambiental, demonstrando o confronto que eles vivenciam entre a poluição, significando a morte lenta do rio, e o seu significado como símbolo de vida, como expressaram alguns: *“O rio significa um ser vivo que está doente”*; *“(…) traz a vida, leva e traz as pessoas, as esperanças (...) e também é um mensageiro de más notícias”*.

Conforme pôde ser observado, as camadas de significados do rio Capibaribe para os grupos culturais são múltiplas, seja para os que vivenciam esse rio no cotidiano, os que estão mais próximos e que têm intimidade com ele, seja, para aqueles que ocupam as suas margens, mas guardam distância, por estarem de costas ou morarem nos edifícios. Esses significados também são diversos para os outros grupos culturais, até entre aqueles que fazem parte de um mesmo grupo e que desempenham as mesmas atividades profissionais. Entre os membros desses grupos culturais, houve aqueles que expressaram o significado do rio de forma mais objetiva, e outros ressaltaram os aspectos subjetivos, ligados ao sentimento e à emoção que esse elemento hídrico lhes transmite. Ainda, alguns

demonstraram como a formação profissional e intelectual, direcionada por conceitos pré-determinados, influenciou no significado que o rio tem para eles. A interpretação das camadas de significados ajuda a apreender a heterogeneidade nas maneiras de ver as paisagens do rio Capibaribe.

A interpretação dos depoimentos orais dos grupos culturais no contexto atual, revelou a diversidade nas maneiras de ver as paisagens do rio Capibaribe e o significado que o rio tem para esses grupos culturais. Esses registros expressaram quais os interesses que mobilizam os grupos culturais a querer que a maneira de ver de cada grupo prevaleça, ao serem confeccionadas as paisagens do rio Capibaribe. Isto ocorre porque o olhar sobre a paisagem daqueles que a vivenciam no cotidiano e dos que a observam, se baseia em crenças, valores e interesses distintos. Assim, considerar essa diversidade deve fazer parte da práxis do planejador urbano, pois a confecção dessas paisagens deve ser resultado das várias expressões culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto deu-nos a oportunidade de percorrer de forma breve algumas trilhas na verificação da temática da “**Dinâmica das paisagens de rios urbanos**”. A análise desse trajeto visa contribuir para a reflexão, tanto do planejador urbano e ambiental, na sua práxis profissional, ao intervir através das ações urbanas e ambientais nos espaços da cidade, modificando às suas paisagens, como, sobre a necessidade de requalificar as águas do rio Capibaribe e revitalizar as suas margens, com o intuito dele voltar a ser usufruído pelos habitantes da cidade de Recife e pelos turistas.

Nesse contexto, é importante que as paisagens do recorte espacial analisado, tornem-se visíveis à população, através da sua acessibilidade, pois só assim poderá ser melhor fiscalizada, como ocorre no centro da cidade.

Apesar da poluição apresentada, o rio ainda continua a inspirar os poetas e intelectuais, como Josué de Castro (1992:257-258), que, apesar de ter denunciado a miséria em que vive a população que ocupa as áreas alagadas às margens dos rios, também mostrou a contribuição dos rios na formação da paisagem do Recife: “*Recife (...) é um dom dos seus rios (...). Rios que deram origem à cidade e foram importantes fatores de sua história. Rios nativistas,(...), que ajudaram a expulsar da pátria o invasor holandês. Rios valentes, aos quais o caboclo do Nordeste empresta em sua fantasia, uma alma impetuosa e violenta, de quem nasce predestinado à aventura (...).*”

O Capibaribe que vem de mais longe, (...), desce aos trancos por cima das pedras, encontrando cidades e povoações, contando simbolicamente todas as peripécias da vida do sertão. Ora num tom humilde, quando é tempo de seca e de necessidade (...). Ora num tom de pabulagem, transbordando das margens a opulência das suas águas ruidosas, relatando a abundância das terras onde as chuvas fertilizantes se derramaram copiosamente. Na descida vão as águas refletindo sempre paisagens diferentes” (CASTRO:1992:257).

Assim, pôde ser constatada a importância desse elemento hídrico na formação das paisagens do Recife e a relação que foi sendo estabelecida entre os habitantes da cidade e o seu rio através da “**Dinâmica das paisagens do rio Capibaribe**”. Nesse sentido, é importante colocar em foco, a importância da conservação das paisagens desse rio, preservando, assim, a identidade do Recife, através do símbolo de maior referência na cidade. No contexto atual da globalização da economia, com a tendência de às cidades se inserirem nesse processo, através de investimentos na qualificação de seus espaços, tornando-as mais competitivas, ganham importância as identidades locais que vão distinguir essas cidades e torná-las culturalmente mais valorizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, M.C. (1989) *História das Usinas de Açúcar de Pernambuco*. Recife, FUNDAJ/ Massangana.

ARGAN, C. (1992). *História da Arte como história da cidade*. São Paulo, Martins Fontes.

BENÉVOLO, L.(1983). *História da cidade*. São Paulo, Perspectiva.

CASTELO, L.(1996). A Percepção em análises ambientais: O Projeto MAB/UNESCO em Porto Alegre. In: *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. (Orgs.) Del Rio et al. São Paulo, Studio Nobel, Editora da UFSCar, Pp. 23-38.

CASTRO, J.(s/d). *A Cidade do Recife : Ensaio de Geografia Urbana*. Rio de Janeiro, Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil.

_____(1992). Visões do Recife.In: *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. (Orgs.) Maior, M. S. et alii. Recife, FUNDAJ / Massangana/ PCR. Pp.253-260.

COSGROVE, D.(1998) . A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. (Org.) Corrêa, R. L. et alii. Rio de Janeiro, EdUERJ, pp. 92-123.

COSTA, L. & MONTEIRO,P.(2002). Rios Urbanos e Valores Ambientais. In: *Projeto do Lugar: colaboração entre psicologia, arquitetura e urbanismo*. (Orgs.) Del Rio et al. Rio de Janeiro, Contra-capa e Coleção Proarq, pp. 291-298.

DEL RIO,V.(1996). Cidade da Mente, Cidade Real: Percepção e Revitalização da Área Portuária do RJ. In: *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. (Orgs.) Del Rio et al. São Paulo, Studio Nobel, Editora da UFSCar, pp.3-22.

GOLD & BURGESS,J. (1997). Preface. In: *Landscape Research*. (Orgs.) Penning-Roussel et al.- Vol.22, nº 22, England.

MANN, R.(1973). *Rivers in the City*. Nova Iorque, Praeger Publishers.

MARCONDES, M.(1999). *Cidade e Natureza: proteção dos mananciais e exclusão social*. São Paulo, Edusp.

MAYRINCK, V. (2003). *Um recorte da paisagem do rio Capibaribe: seus significados e representações*. Tese de Doutorado em Geografia Humana, UFRJ, Rio de Janeiro.

MELO, J. C. (1965). *Antologia Poética*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora S. A.

MELO, M.L. (1978). *Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife*, UFPE/CFCH/Deptº de Ciências Geográficas.

ROUSELL, E. & BURGESS, J. (1997). River Landscapes: changing the concrete overcoat? In: *Landscape Research*. (Orgs.) Penning-Roussel, E. et al – Vol.22, nº 22, England.

SANTOS, M. (1992). “1992: a redescoberta da natureza”. In: *Estudos Avançados*, São Paulo, Edusp, nº14, V.6, jan.-abr., pp.95-106.

PREFEITURA DA CIDADE DO RECIFE. Projeto Recife, Seminário de Redirecionamento, Recife, 1987.